

Fecha de recepción: 12-abril-2021

Fecha de aceptación: 21-junio-2022

# SEMEANDO SABERES: A ETNOBOTÂNICA E O QUINTAL NA VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO DA MULHER AGRICULTORA

Elaine Puziski Varela<sup>1\*</sup>, Viviane Kraieski de Assunção<sup>1</sup>, Lin Chau Ming<sup>3</sup>, Vanilde Citadini-Zanette<sup>1,2</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA), Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Av. Universitária, 1105 - Universitário, Criciúma - SC, cep: 88.806-000.

<sup>2</sup>Herbário Pe. Dr. Raulino Reitz (CRI), Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Av. Universitária, 1105 - Universitário, Criciúma - SC, cep: 88.806-000.

<sup>3</sup>Professor Titular Voluntário da Faculdade de Ciências Agrônomicas – Universidade Estadual Paulista- UNESP. Av. Prof. Montenegro, s/n - Vila Paraiso, Botucatu - SP, cep: 18.618-687.

\*Correo:elaine-puziski@unesc.net

## RESUMO

Estudos etnobotânicos investigam as diferentes relações entre seres humanos e plantas. Comunidades tradicionais, como os agricultores familiares, possuem forte ligação com o meio natural que os cercam. Ao longo do tempo, essas comunidades desenvolveram técnicas de manejo e cultivo de diferentes espécies cultivadas em seus quintais. Na maioria das vezes, o cultivo deste quintal é feito pelas mulheres agricultoras, o que resulta em valioso conhecimento adquirido nas vivências do dia a dia. Este trabalho teve como objetivo investigar os saberes de uma agricultora tradicional sobre as espécies vegetais presentes em seu quintal, no Bairro Morro Albino, município de Criciúma, estado de Santa Catarina, sul do Brasil. Para conhecer a história da agricultora e sua ligação com as plantas, foi realizada pesquisa qualitativa onde utilizou-se o método História Oral- modalidade História de Vida. Para a coleta de dados sobre as espécies cultivadas pela agricultora, foi utilizada entrevista semiestruturada, seguida pelo método de turnê guiada, com registro fotográfico. Foram registradas 142 espécies, cultivadas pela agricultora, utilizadas para fins medicinais, alimentícios e ornamentais. A grande maioria das espécies medicinais é usada na forma de chá, preparado a partir das folhas da planta. Foram diversas as etnoindicações praticadas pela agricultora para as espécies medicinais, dentre elas destacaram-se: aumentar a imunidade, problemas respiratórios, cardiovasculares, estomacais e renais, calmante, picada de inseto, antibiótico, cicatrização de feridas, entre outros. As espécies utilizadas na alimentação apresentaram diferentes formas de uso, *in natura*, como fruta ou salada, cozida, frita ou como tempero. As partes mais consumidas destas espécies foram os frutos, folhas, raízes e tubérculos. As espécies ornamentais, para a agricultora, possuem o papel principal de embelezar o quintal. O estudo revelou um rico conhecimento tradicional sobre a forma de uso de espécies vegetais, adquirido, desenvolvido e praticado pela agricultora ao longo de sua vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunidade tradicional, espécies vegetais, etnoconhecimento, etnoindicações, história de vida.

## SOWING KNOWLEDGE: ETHNOBOTANY AND THE BACKYARD IN THE VALUE OF KNOWLEDGE OF WOMEN FARMERS

### ABSTRACT

Ethnobotanical studies investigate the different relationships between humans and plants. Traditional communities, such as family farmers, have a strong connection with the natural environment that surrounds them. Over time, these communities developed techniques for managing and cultivating different species grown in their backyards. In most cases, the cultivation of this backyard is done by women farmers, which results in valuable knowledge acquired in their daily lives. This work aimed to investigate the knowledge of a traditional farmer about the plant species present in her backyard, in Bairro Morro Albino, Criciúma, Santa Catarina, southern Brazil. In order to know the history of the farmer and her connection with the plants, a qualitative research was carried out, using the Oral History method - Life History modality. To collect data on the species cultivated by the farmer, a semi-structured interview was used, as well as the guided tour method, with photographic record. 142 species cultivated by the farmer, used for medicinal, food and ornamental purposes were registered. The vast majority of medicinal species are used in the form of tea, prepared from the leaves of the plant. There were several ethnoindications practiced by the farmer for medicinal species, among them the following stood out: increasing immunity, respiratory, cardiovascular, stomach and kidney problems, soothing, insect bites, antibiotics, wound healing, among others. The species used in food had different forms of use, in natura, as fruit or salad, cooked, fried or as a seasoning. The most consumed parts of these species were fruits, leaves, roots and tubers. Ornamental species, for the farmer, play the main role of beautifying the backyard. The study revealed a rich traditional knowledge on how to use plant species, acquired, developed and practiced by the farmer throughout her life.

**KEYWORDS:** Ethnoindications, ethnoknowledge, life history, plant species, traditional community.

---

### INTRODUÇÃO

As Etnociências fazem parte dos estudos que buscam compreender, por meio de técnicas, teorias, métodos e análises, as diversas formas de interação entre os seres humanos e o meio ambiente (Silva *et al.*, 2010). Dentro das Etnociências existem diferentes ramos de estudo, sendo um deles a Etnobotânica, ciência que estuda a conexão das diferentes formas de relação entre o ser humano e as plantas, embasando-se no conhecimento adquirido ao longo dos tempos, por meio da relação direta da população com os recursos naturais (Rocha *et al.*, 2015).

O conhecimento tradicional, portanto, é desenvolvido a partir dos saberes baseados nas experimentações e vivências dos diferentes povos, as quais são repassadas de geração a geração, principalmente por meio da

oralidade (Medeiros e Albuquerque, 2012). A importância destes conhecimentos está relacionada com a produção de informações básicas para futuras estratégias de conservação e de elementos sobre a realidade cotidiana, que auxiliem na solução das dificuldades enfrentadas no dia a dia (Pereira e Almeida, 2011; Idohou *et al.*, 2014).

Os povos indígenas e outras comunidades tradicionais são considerados grandes detentores de conhecimento sobre o ambiente que os cercam pois aprimoram e transmitem seus conhecimentos sobre as questões culturais, ambientais e sociais para seus descendentes. O saber intrínseco adquirido por esses grupos favorece e mantém o conhecimento de seu território e cultura (Rocha *et al.*, 2015).

Dentre as comunidades tradicionais, de acordo com a Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015 (Brasil, 2015) estão

incluídos os agricultores tradicionais. Essas comunidades possuem grande afinidade com os recursos naturais pois manejam e cultivam diversas espécies vegetais, inclusive em seus quintais. A grande agrobiodiversidade presente nos quintais dos agricultores familiares contribui não apenas para função produtiva, alimentos para consumo doméstico e venda do excedente (Galluzzi *et al.*, 2010), mas também, para funções sociais, contribuindo para o bem-estar das pessoas (Alemu, 2016), resultando em riquíssimo conjunto de saberes (Calvet-Mir *et al.*, 2016).

Nestes quintais rurais são cultivadas espécies medicinais e alimentícias, como frutíferas e hortaliças. Tendem a ter produção diversificada que, além de permitir uma oferta constante, ampla e variada de alimentos para o autoconsumo, proporciona maior estabilidade ao sistema produtivo (Noda e Noda, 2003). Uma das características que os diferenciam dos quintais urbanos são suas dimensões territoriais. Os quintais urbanos apresentam dimensões reduzidas e, por vezes, podem apresentar ligação com atividades das sociedades agrícolas, que ao se transferirem para o meio urbano passam a reproduzir práticas do meio rural (Carniello *et al.*, 2010).

Em comunidades rurais as mulheres agricultoras ainda ocupam grande parcela dos espaços domésticos, sendo as principais responsáveis pelo cuidado com os quintais (Maia e Bombarda Sobrinho, 2019). De acordo com os autores, isso faz com que elas potencializem seus conhecimentos sobre técnicas de plantio e cultivo, além de outras atividades relacionadas à manutenção do quintal. Segundo Cavalheiro e Guarim-Neto (2018), essas mulheres se destacam quanto à manutenção, transmissão dos saberes e práticas associados às espécies vegetais. Além disso, desempenham importante papel na manutenção do conhecimento sobre utilização de espécies medicinais cultivadas em seus quintais, auxiliando no resgate da cultura tradicional do uso de plantas como remédio caseiro para tratamento de doenças e alívio de seus sintomas (Zeni *et al.*, 2017).

Neste contexto, é perceptível a importância do trabalho feminino desempenhado nos quintais de suas residên-

cias, para manutenção do conhecimento adquirido ao longo do tempo, bem como da cultura local.

As mulheres adquiriram ao longo da história um vasto saber sobre sistemas agroecológicos, além de desempenharem importante papel como administradoras da conservação da biodiversidade e domesticação das plantas (Pacheco, 2002). Entretanto, de acordo com a autora, observa-se ainda a invisibilidade do conhecimento e trabalho desempenhado por mulheres na agricultura. Ainda que por vezes a mulher trabalhe efetivamente no conjunto de atividades da agricultura familiar como preparo do solo, plantio e colheita, essas atividades e todo conhecimento adquirido e desenvolvido através delas não são devidamente reconhecidos e divulgados.

Desta forma, levando em consideração a relação que se desenvolve ao longo dos anos entre os seres humanos e as plantas, especialmente quanto ao cultivo nos quintais realizados pelas mulheres agricultoras, este estudo objetivou investigar os saberes de uma agricultora tradicional, moradora do Bairro Morro Albino, situado na zona rural do município de Criciúma, Santa Catarina, sul do Brasil, considerada pelos vizinhos uma especialista em cultivo e utilização de espécies vegetais. Visando a divulgação do trabalho desenvolvido por agricultoras na manutenção do conhecimento tradicional e na conservação ambiental. Pretendeu também incentivar a conservação de diversas espécies vegetais demonstrando seu potencial de uso medicinal, alimentício e ornamental.

## METODOLOGIA

**Área de estudo.** O estudo foi realizado em uma propriedade localizada na comunidade do Morro Albino (Figura 1). O bairro fica situado na zona rural do município de Criciúma, estado de Santa Catarina, no sul do Brasil, que integra a Área de Proteção Ambiental (APA) do Morro Albino e Morro Esteves criada pela Lei Municipal nº 2.459, de 08 de junho de 1990, revogada pela Lei nº 7.606/2019 (Criciúma, 2019).

Segundo o sistema de Köppen o clima no município de Criciúma é caracterizado como mesotérmico úmido sem

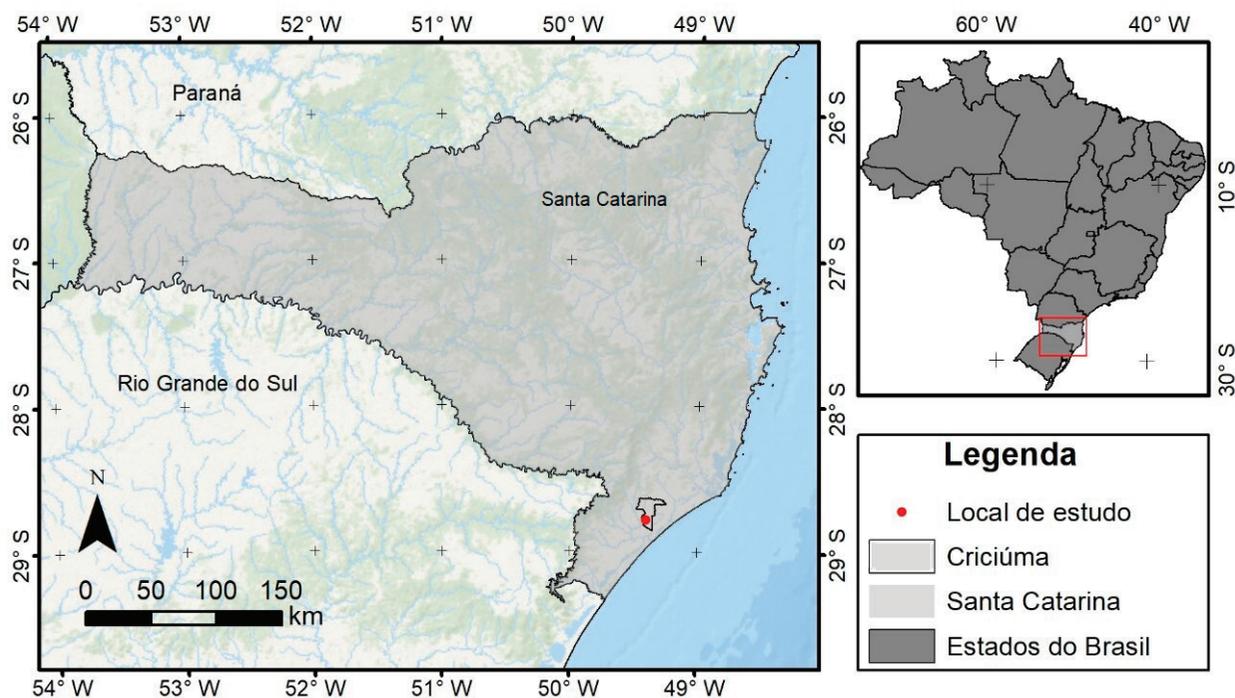


Figura 1. Localização da área de estudo, bairro Morro Albino, Criciúma, Santa Catarina, sul do Brasil. Fonte: Autores, 2021.

estação seca definida e com verão quente (Cfa) (Alvares *et al.*, 2013). A pluviosidade média anual é de 1.500 mm (Back, 2009). A vegetação na região onde a propriedade deste estudo está inserida, é formada por fragmentos florestais, pertencentes ao bioma Mata Atlântica, predominando a Floresta Ombrófila Densa, formação submontana, os quais apresentam-se em vários estágios sucessionais e com diferentes dimensões, recobrando parcialmente as pequenas propriedades agrícolas do bairro. A renda das famílias agricultoras da região é composta principalmente pelo cultivo permanente de banana, além da pecuária e outras culturas temporárias, como milho, mandioca e feijão (Silva e Scheibe, 2005).

**Procedimento de campo.** A pesquisa é de natureza qualitativa, onde no primeiro momento iriam ser entrevistadas diferentes agricultoras moradoras da APA do Morro Albino. Para isso, foi-se buscar o aceite da comunidade perante o trabalho de pesquisa, sendo que o primeiro contato com as agricultoras ocorreu através do Clube de Mães do Morro Albino, quando reunidas em seus encontros semanais. Em uma das reuniões, foi explicado às participantes como seria a pesquisa, seus objetivos e seu desenvolvimento. Nesta

reunião foi então selecionada a primeira participante, indicada pela presidente do Clube de Mães, como o membro influente na comunidade e que detinha grande conhecimento sobre plantas, além de possuir um rico e precioso quintal em espécies vegetais.

A primeira entrevista, ocorreu em dezembro de 2019 e a visita à unidade doméstica desta agricultora revelou uma riqueza inestimável de saberes tradicionais e de espécies vegetais. A relação afetuosa que a mesma demonstrou ter com as plantas e seu conhecimento sobre os seus usos, chamou-nos a atenção. No entanto, devido a pandemia pela COVID-19, que teve início na região do estudo em março de 2020, foi nos impossibilitado de continuar as entrevistas, delimitando-se então, o novo tema de pesquisa, que tratou de conhecer a história de vida desta agricultora, Sra. Libertina Zanzi Mariot, bem como, sua relação e seus conhecimentos sobre as plantas cultivadas em seu quintal. Para isso foram realizadas quatro entrevistas com a agricultora, que demandaram de precauções especiais onde respeitaram-se todos os cuidados de biossegurança, bem como, todos os decretos de isolamento. A primeira ocorreu no dia 13 de dezembro

de 2019 e as demais nos dias 02 de fevereiro, 16 de março e 21 de julho de 2021.

Para obtenção dos dados sobre as experiências de vida da agricultora foi utilizado o método de História Oral- modalidade História de Vida, que pode ser delimitada como um relato sobre a existência no qual os acontecimentos vivenciados são reconstituídos e as experiências adquiridas são transmitidas (Queiróz, 1988).

Para a coleta de dados sobre as espécies cultivadas pela agricultora, foi utilizada entrevista semiestruturada na qual as perguntas são parcialmente formuladas pelo pesquisador antes de ir a campo (Albuquerque *et al.*, 2010a). Para tal, se utilizou um formulário elaborado com 46 perguntas pertinentes ao tema. O formulário utilizado atuou como um guia, que foi consultado para se certificar que nenhuma pergunta crucial para pesquisa fosse esquecida.

Para a entrevista, também se utilizou um gravador de voz, pois as perguntas foram feitas de forma livre, como uma conversa, para que a entrevistada ficasse à vontade para falar sobre seus conhecimentos e histórias. Após cada entrevista as conversas foram transcritas e, para os relatos utilizados neste estudo, foram corrigidos os vícios de linguagem, mantendo a integridade de fala da entrevistada.

Paralelamente à entrevista foi utilizado o método de turnê guiada, com registro fotográfico, para fundamentar e validar os nomes das espécies vegetais citadas pela entrevistada por seu nome vernacular, pois estes nomes variam entre regiões e, até mesmo entre indivíduos da mesma comunidade (Albuquerque *et al.*, 2010a; Citadini-Zanette e Martins, 2011). Deste modo, as espécies vegetais cultivadas no quintal da agricultora foram coletadas e encaminhadas para identificação no Herbário Pe. Dr. Raulino Reitz (CRI) da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, sendo as espécies férteis tombadas neste mesmo herbário. As espécies foram reunidas em famílias botânicas, de acordo com o sistema de classificação *Angiosperm Phylogeny Group* (APG IV, 2016) para as angiospermas e *Pteridophyte Phylogeny Group* (PPG I, 2016) para as samambaias.

ETNOBIOLOGÍA 20 (2), 2022

A pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em humanos da UNESC, com certificado de apresentação para apreciação ética (CAAE) nº 21180719.5.0000.0119. Antes de iniciar a entrevista, a participante foi previamente consultada em relação ao interesse em participar da pesquisa, requerendo a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A entrevistada demonstrou interesse e aceitou que seu nome e sua imagem fossem mencionados e divulgados ao longo do estudo. Como forma de devolutiva e visando retribuir e fortalecer o conhecimento repassado pela agricultora para realização desta pesquisa, os resultados obtidos serão compartilhados com a comunidade, conforme sugerido por Albuquerque *et al.* (2010b), na forma de roda de conversa, assim que os procedimentos de biossegurança emitidos pelo Governo brasileiro permitirem.

Para as plantas amostradas, foram realizadas buscas nos *sites* em base de dados que contemplavam a temática abordada. Para cada espécie amostrada, foi utilizada como palavra de busca o binômio científico (incluindo sinônimas), nas bases de dados *SciVerse Scopus* (2021), *SciELO.org*. (2021), *Flora do Brasil 2020* (2021), *Tropicos.org*, *Missouri Botanical Garden* (2021) e *-World Flora Online* (WFO, 2021).

Adicionalmente foram acrescentadas informações, descritas na literatura científica não indexada às bases de dados citadas acima, que abordavam sobre os usos das espécies. Para dados sobre a origem das espécies amostradas (se nativas do Brasil ou exóticas, sendo estas naturalizadas ou cultivadas), norteou-se principalmente pela *Flora do Brasil 2020* (2021). Para a origem das espécies exóticas, foram consultados os sites *World Flora Online* (WFO, 2021) e *Tropicos.org*. *Missouri Botanical Garden* (2021). Quando não encontrados, buscou-se a origem pelo nome da espécie em artigos científicos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

**História e vivências de Dona Libertina.** Na primeira entrevista, conhecemos a agricultora Sra. Libertina Zanzi Mariot, com seus oitenta e três anos e com data de nascimento em 03 de outubro de 1937. A agricultora

nasceu na localidade de Santa Rosa, no município de Forquilha (SC), onde morou com os pais até seu casamento. Os avós de Dona Libertina vieram da Itália e tiveram todos os filhos no Brasil (Figura 2). Seus pais, Paulo Zanzi e Josefina Mandelli, eram agricultores e viviam do que cultivavam. Tiveram 6 filhos (5 mulheres e 1 homem), sendo Dona Libertina, assim conhecida por todos, a filha mais velha.

A agricultora se casou aos 21 anos com o Sr. Waldir Mariot. É mãe de dez filhos, tem 24 netos e 16 bisnetos. Ela mencionou que quando se casou, o padrinho de seu esposo o presenteou com 12 hectares de terra no Bairro Morro Albino. É neste local, que mora e cultiva seu quintal há sessenta anos. Atualmente a agricultora e o marido moram sozinhos e cuidam de apenas 2,0 hectares de terra pois, segundo ela, devido à idade

avançada, optaram por dividir os outros 10 hectares entre os filhos. Ela e o marido não fazem mais plantio de roças grandes para venda, o que cultivam é somente para consumo da família. Em sua residência, Dona Libertina é a principal responsável pelo quintal e afazeres domésticos. Atualmente, além do cuidado com as plantas, ela também se dedica à criação de 12 vacas leiteiras, das quais utiliza o leite para produção de queijos.

Dona Libertina é católica e ministra da eucaristia há 25 anos na Paróquia de seu bairro, antigamente intitulada de Sagrado Coração de Jesus, hoje de Santo Antônio. Participou também como membro da Pastoral da Criança por 10 anos nesta mesma paróquia. Estudou até a terceira série do ensino fundamental, na escola localizada em Santa Rosa, município de Forquilha (SC).



**Figura 2.** A agricultora Sra. Libertina Zanzi Mariot (Dona Libertina), em seu quintal, ao lado de um exemplar de pitaya (*Hylocereus undatus* (Haw.) Britton & Rose). Fonte: Autores, 2021.

Dona Libertina nos contou que sempre teve afinidade com o cultivo de plantas. Observando os pais agricultores por toda a sua existência, nasceu a paixão pelo plantar. Desde pequena, ajudava os pais com os afazeres na roça, onde aprendeu muitas técnicas que utiliza até hoje no cultivo de seu quintal.

*“[...] ah, eu desde criança, desde pequena que eu mexia com terra... olha, as plantas para mim, eu gosto muito mesmo! O meu pai, quando era dia de sábado, nós ficávamos em casa, eu dizia: pai me dá aquele pedacinho de capoeira lá? Eu vou lá roçar, fazer uma rocinha para mim. Lá ia eu, lá dentro da capoeira sozinha. Eu ia lá roçava, depois botava fogo, carpia, arrancava os cepinhos e aí eu plantava”.*

Dona Libertina nos contou também como aprendeu sobre as plantas que cultiva hoje. Segundo ela, primeiramente com seus pais, após com vizinhos e, principalmente, nos anos em que fez parte da Pastoral da Criança. Ela mencionou que na Pastoral haviam reuniões sobre muitas plantas medicinais e suas formas de uso, o que a fez aprender muito. Na atualidade não faz mais parte da Pastoral, porém, participa do Clube de Mães do seu bairro, onde elas adquiriram o hábito de realizar troca de mudas de diferentes espécies vegetais. Sempre que alguma participante acha interessante socializar sobre a utilização de uma determinada espécie, ela leva mudas desta para uma reunião do Clube de Mães, onde então, ensina como cultivar e utilizar a planta.

A agricultora lamenta a falta das reuniões entre as moradoras do bairro, devido à COVID-19. Quando indagada sobre o período de isolamento, Dona Libertina mencionou que ficou quase um ano sem sair de casa, mas como tem muitos afazeres no quintal, falou que não se sentiu tão isolada, pois a companhia das plantas lhe ajudou a passar os dias. Dona Libertina acredita que as plantas apresentam um importante papel preventivo perante todas as doenças, podendo auxiliar também na prevenção contra a COVID-19, segundo ela *“[...] as plantas são o principal da saúde da gente [...] faça da tua comida o remédio e do remédio, a tua comida”*, parafraseando, sem saber a origem da frase, Hipócrates

de Cós (460-377 a.C.) há cerca de 2.500 anos atrás (Bloch Jr., 2012).

**Plantas cultivadas por Dona Libertina.** Nos levantamentos botânicos realizados durante as quatro visitas à unidade doméstica de Dona Libertina, no Morro Albino, foram registradas 142 espécies. Foram registradas 50 espécies utilizadas como medicinais, sendo 3 destas utilizadas também como ornamentais e outras 7 como alimentícias. Além destas, 60 espécies são utilizadas apenas para alimentação e 32 somente como ornamentais. Estudos realizados em quintais de agricultores familiares tradicionais, também reconhecem as espécies de uso alimentício e medicinal como principais (Pasa et al., 2005; Moreira e Guarim Neto, 2009).

Os principais usos citados (etnocategorias), constituem a demanda das necessidades básicas de cada família (Pasa et al., 2005) que, no caso de Dona Libertina, foram a alimentação e o cuidado primário à saúde por meio das ervas medicinais.

Em relação à origem das espécies, 34 (24%) delas são nativas do Brasil, enquanto 108 (76%) são exóticas (naturalizadas ou cultivadas no Brasil). A predominância de espécies exóticas pode estar relacionada com a colonização do local. Sabe-se que os diferentes povos colonizadores trouxeram consigo sementes e mudas de plantas e um grande conhecimento sobre elas (Silva et al., 2009). Além disso, o fato de Dona Libertina ter contato com muitas pessoas de diferentes localidades, que trocam entre si informações sobre novas espécies, pode auxiliar no aumento do número de espécies introduzidas (Tabela 1).

Para o conhecimento botânico do quintal de Dona Libertina, o desejado eram visitas mensais à residência da agricultora, a fim de registrar as espécies cultivadas em todas as estações do ano em seu quintal. Entretanto, devido à pandemia pela COVID-19, essas visitas mensais não foram possíveis. Dona Libertina fazia parte do grupo de risco por ser idosa e também por problemas de saúde. Desta forma, não se pôde registrar a sazonalidade das espécies, bem como realizar levantamento daquelas

**Tabela 1.** Espécies vegetais registradas no quintal da Sra. Libertina Zanzi Mariot, no Bairro Morro Albino, situado no Município de Criciúma, SC, Brasil. **Legenda:** SD = sem denominação; NP = nome popular; O= origem (N= nativa, E= exótica, sendo: E<sup>c</sup>= Exótica Cultivada e E<sup>n</sup>= Exótica Naturalizada; RO= Região de Origem; E= etnocategoria (A= alimentícia, M= medicinal, O= ornamental); USO= tipo de utilização ou preparo realizado com a planta; PU= parte utilizada. Fonte: Autores, 2021.

FAMÍLIAS/ESPÉCIES	NP	O	RO	E	USO	PU	INDICAÇÃO
<b>Acanthaceae</b>							
<i>Pachystachys spicata</i> (Ruiz & Pav.) Wassh.	camarão	N	Brasil	O	embelezar		
<i>Sambucus nigra</i> L.	sabugueiro	E <sup>n</sup>	Europa	M	chá	folha, flor	sarampo
<b>Adoxaceae</b>							
<b>Amaranthaceae</b>							
<i>Amaranthus viridis</i> L.	caruru	E	Europa	A	salada	folha	
<i>Beta vulgaris</i> L.	beterraba	E <sup>c</sup>	Costa do Mediterrâneo	A	cozida	raiz	
<i>Celosia argentea</i> L.	crista-de-galo	E	América Tropical	O	embelezar		
<i>Hebanthe eriantha</i> (Poir.) Pedersen	contraveneno	N	Brasil	M	curtido na cachaça para se esfregar e tomar	folha	para picada de insetos
<i>Spinacia oleracea</i> L.	espinafre	E <sup>c</sup>	Ásia	A	salada	folha	
<b>Amarylidaceae</b>							
<i>Allium schoenoprasum</i> L.	cebolinha	E <sup>c</sup>	América do Norte	A	tempero	folha	
<i>Zephyranthes candida</i> (Lindl.) Herb.	SD	N	Brasil	O	embelezar		
<b>Anacardiaceae</b>							
<i>Mangifera indica</i> L.	manga	E <sup>c</sup>	Ásia tropical	A	fruta	fruto	
<i>Spondias purpurea</i> L.	ciriguela	E <sup>c</sup>	México	A	fruta	fruto	
<b>Annonaceae</b>							
<i>Annona muricata</i> L.	graviola	E <sup>c</sup>	Região Caribenha, América do Sul	A/M	fruta	fruto	
<i>Annona muricata</i> L.	graviola	E <sup>c</sup>		A/M	chá	folha	prevenir o câncer
<i>Annona squamosa</i> L.	fruta-do-conde	E <sup>c</sup>	América do Sul	A	fruta	fruto	
<b>Apiaceae</b>							
<i>Anethum graveolens</i> L.	endro	E <sup>c</sup>		M	chá	folha	gripe
			Bahamas				
<i>Daucus carota</i> L.	cenoura	E <sup>c</sup>	Eurásia	A	salada, cozida	raiz	
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	funcho	E <sup>c</sup>	Europa	M	chá	folha	gripe
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss.	salsa	E <sup>c</sup>	Eurásia	A	tempero	folha	
<i>Pimpinella anisum</i> L.	anis	E <sup>c</sup>	Eurásia	M	chá	folha	acalmar
<b>Apocynaceae</b>							
<i>Nerium oleander</i> L.	espirradeira	E <sup>c</sup>	Região Mediterrânea	O	embelezar		

Tabela 1. Cont.

FAMÍLIAS/ESPÉCIES	NP	O	RO	E	USO	PU	INDICAÇÃO
<i>Stapelia hirsuta</i> L.	flor-estrela	E <sup>C</sup>	África do Sul	O	embelezar		
<i>Stephanotis floribunda</i> Brongn.	flor-de-cera	E	Madagascar	O	embelezar		
<b>Araceae</b>							
<i>Zantedeschia aethiopica</i> (L.) Spreng.	copo-de-leite	E <sup>C</sup>	África	O	embelezar		
<b>Arecaceae</b>							
<i>Butia catarinensis</i> Noblick & Lorenzi	butiá	N	Brasil	A	fruta	fruto	
<b>Aristolochiaceae</b>							
<i>Aristolochia gigantea</i> Mart. & Zucc.	papo-de-peru	N	Brasil	O	embelezar		
<b>Asparagaceae</b>							
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	babosa	E <sup>C</sup>	Arábia	M	passar na pele	gel	hidratação, cicatrização
<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	espada-de-são-jorge	E <sup>C</sup>	África	O	embelezar		
<b>Asteraceae</b>							
<i>Achillea millefolium</i> L.	novalgina/ pronto-alívio	E <sup>C</sup>	Europa	M	chá	folha	febre, gripe
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	marcela	N	Brasil	M	chá	flor	estômago
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna	E <sup>C</sup>	Europa	M	chá	folha	estômago
<i>Artemisia alba</i> Turra	cânfora	E <sup>C</sup>	Europa	M	curtido na cachaça para se esfregar	folha	dor
<i>Callistephus chinensis</i> (L.) Ness	crisante	E <sup>C</sup>	China e Japão	O	embelezar		
<i>Cichorium intybus</i> L.	radiche azedinha	E <sup>C</sup>	Europa	A	salada	folha	
<i>Dahlia pinnata</i> Cav.	Dália	E <sup>C</sup>	México	O	embelezar		
<i>Lactuca sativa</i> L.	alface-mimosa	E <sup>C</sup>	Eurásia	A	salada	folha	
<i>Lactuca sativa</i> L. var. <i>crispa</i>	alface-crispa	E <sup>C</sup>	Eurásia	A	salada	folha	
<i>Matricaria discoidea</i> DC.	marcela-galega	E	América do Norte e Ásia	M	chá	folha	bom para acalmar parte gastrointestinal da criança
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	guaco-verdadeiro	N	Brasil	M	chá	folha	gripe
<i>Smilax sonchifolius</i> (Poepp.) H. Rob.	batata-yacon	E <sup>C</sup>	América do Sul	A/M	cozida	tubérculo	

Tabela 1. Cont.

FAMÍLIAS/ESPÉCIES	NP	O	RO	E	USO	PU	INDICAÇÃO
<i>Smallanthus sonchifolius</i> (Poepp.) H. Rob.	batata-yacon	E <sup>C</sup>		A/M	cozida	tubérculo	diabete
<i>Tanacetum parthenium</i> (L.) Sch. Bip	artemísia/ rainha-das-ervas	E <sup>C</sup>	Europa	M	chá	folha, flor	sd
<i>Tanacetum vulgare</i> L.	palma-crespa	E	Velho Mundo	M	curtido na cachaça para se esfregar	folha	dor
<i>Vernonanthura tweedieana</i> (Baker) H. Rob.	assa-peixe	N	Brasil	M	xarope	folha	gripe
<b>Balsaminaceae</b>							
<i>Impatiens walleriana</i> Hook. f.	beijinho	E <sup>N</sup>	África	O	embelezar		
<b>Begoniaceae</b>							
<i>Begonia cf. semperflorens</i> Link. & Otto	begônia	N	Brasil	O	embelezar		
<b>Bixaceae</b>							
<i>Bixa orellana</i> L.	colorau	N	Brasil	A	fruto	tempero, corante	
<b>Brassicaceae</b>							
<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>italica</i>	brócolis	E <sup>C</sup>	Europa	A	cozida	flor, talo	
<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>acephala</i>	couve	E <sup>C</sup>	Europa	A	salada	folha	
<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>capitata</i>	repolho	E <sup>C</sup>	Europa	A	salada	folha	
<i>Coronopus didymus</i> (L.) Sm.	mentruz	E <sup>N</sup>	América do Sul	M	chá	folha	gripe, catarro, pulmão, falta de ar.
<b>Bromeliaceae</b>							
<i>Ananas comosus</i> Mill.	abacaxi	N	Brasil	A	fruta	fruto	
<i>Guzmania lingulata</i> (L.) Mez	bromélia	N	Brasil	O	embelezar		
<b>Cactaceae</b>							
<i>Pilosocereus</i> sp.	cacto	N	Brasil	O	embelezar e proteger o quintal dos bois e carros		
<i>Selenicereus undatus</i> (Haw.) D.R. Hunt	pitaya	E <sup>N</sup>	México e América Central	A	fruta	fruto	
<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	ora-pro-nobis	N	Brasil	A	salada/ tempero	folha	
<b>Clusiaceae</b>							
<i>Garcinia gardneriana</i> (Planch. & Triana) Zappi	bacupari	N	Brasil	A	fruta	fruto	
<b>Convolvulaceae</b>							
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	batata-doce	E <sup>N</sup>	América Central	A	cozida	tubérculo	

Tabela 1. Cont.

FAMÍLIAS/ESPÉCIES	NP	O	RO	E	USO	PU	INDICAÇÃO
<b>Crassulaceae</b>							
<i>Kalanchoe daigremontiana</i> Raym. Hamet. & H	aranto	E	Madagascar	M	suco	folha	cura do câncer
<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	fortuna	E <sup>N</sup>	Madagascar	M	xarope	folha	gripe
<b>Cucurbitaceae</b>							
<i>Cucumis anguria</i> L.	maxixe	N	Brasil	A	salada	fruto	
<i>Cucumis sativus</i> L.	pepino	E <sup>C</sup>	Ásia	A	salada	fruto	
<i>Momordica charantia</i> L.	melão-de-são-caetano	E <sup>N</sup>	Índia	A	fruta	fruto	
<b>Cycadaceae</b>							
<i>Cycas revoluta</i> Thunb.	sagu-de-jardim	E <sup>C</sup>	Japão e Indonésia	O	embelezar		
<b>Dicksoniaceae</b>							
<i>Dicksonia sellowiana</i> Hook.	xaxim	N	Brasil	O	embelezar		
<b>Dioscoreaceae</b>							
<i>Dioscorea alata</i> L.	inhame	E <sup>C</sup>	Ásia	A	cozido	raiz	
<b>Ebenaceae</b>							
<i>Diospyros kaki</i> L. f.	caqui	E <sup>C</sup>	Ásia	A	fruta	fruto	
<b>Equisetaceae</b>							
<i>Equisetum giganteum</i> L.	cavalinha	N	Brasil	M	chá	folha	diurético, infecção nos rins
<b>Ericaceae</b>							
<i>Vaccinium myrtillus</i> L.	mirtilo	E <sup>C</sup>	Europa	A/M	fruta	fruto	
<i>Vaccinium myrtillus</i> L.	mirtilo	E <sup>C</sup>		A/M	chá	folha	problemas cardíacos
<b>Euphorbiaceae</b>							
<i>Acalypha chamaedrifolia</i> (Lam.) Müll. Arg.	rabo-de-gato	E <sup>C</sup>	Flórida	O	embelezar		
<i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd. ex Klotzsch.	flor-do-natal	E <sup>C</sup>	México	O	embelezar		
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	pau-pelado	E <sup>C</sup>	África	M	pingar na água	látex	câncer
<i>Jatropha multifida</i> L.	mercúrio	E <sup>C</sup>	América do Norte	M	uso externo	látex	cicatrizar ferida
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	aipim	N	Brasil	A	cozido	raiz	
<b>Fabaceae</b>							
<i>Arachis hypogaea</i> L.	amendoim	E <sup>N</sup>	Bolívia	A	torrado	grão	
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth.	ervilha-guandú	E <sup>N</sup>	Índia	A	cozida	semente	
<i>Inga sessilis</i> (Vell.) Mart	ingá-macaco	N	Brasil	A	fruta	fruto	
<i>Inga vulpina</i> Mart. ex Benth.	ingá	N	Brasil	A	fruta	fruto	
<i>Mimosa pudica</i> L.	dormideira	N	Brasil	O	embelezar		

Tabela 1. Cont.

FAMÍLIAS/ESPÉCIES	NP	O	RO	E	USO	PU	INDICAÇÃO
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	feijão	E <sup>C</sup>	México	A	cozido	semente, vagem	
<i>Spartium junceum</i> L.	giesta	E <sup>C</sup>	Mediterrâneo e Ilhas Canárias	O	embelezar		
<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	feijão-de- vara	E <sup>C</sup>	África	A	cozido	grão	
<b>Hydrangeaceae</b>							
<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser.	hortências	E <sup>C</sup>	China e Japão	O	embelezar		
<b>Iridaceae</b>							
<i>Gladiolus hortulanus</i> L.H. Bailey	palma-de- santa-rita	E <sup>C</sup>	Ásia, África e Mediterrâneo	O	embelezar		
<b>Lamiaceae</b>							
<i>Cunila microcephala</i> Benth.	poejo	N	Brasil	M	chá	folha	gripe
<i>Melissa officinalis</i> L.	erva- cidreira	E <sup>C</sup>	Ásia	M	chá	folha	gripe
<i>Mentha arvensis</i> L.	vick- vaporube/ menta-vick	E <sup>C</sup>	Europa	M	pomada	folha	dor
<i>Mentha spicata</i> L.	elevante	E	Europa	M	chá	folha	aumentar a imunidade, fortificar
<i>Mentha x piperita</i> L.	hortelã- verdadeira	E <sup>C</sup>	Europa	M	chá	folha	para vermes
<i>Ocimum basilicum</i> L.	alfavaca	E <sup>C</sup>	Europa	M	chá	folha	tosse/gripe
<i>Origanum majorana</i> L.	manjerona	E <sup>C</sup>	Mediterrâneo	A	tempero	folha	
<i>Origanum vulgare</i> L.	orégano	E <sup>C</sup>	Europa	A/M	tempero	folha	
<i>Origanum vulgare</i> L.	orégano	E <sup>C</sup>		A/M	chá	folha	prisão de ventre em criança
<i>Physostegia virginiana</i> (L.) Benth.	SD	E <sup>C</sup>	Estados Unidos	O	embelezar		
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd	boldo	E	África	M	esmagar na água	folha	estômago
<i>Salvia splendens</i> Sellow ex Roem. & Schult.	alegria- de-jardim	N	Brasil	M/O	chá	flor	diabete
<i>Salvia splendens</i> Sellow ex Roem. & Schult.	alegria- de-jardim	N		M/O			
<i>Stachys byzantina</i> K. Koch	pulmonária	E <sup>C</sup>	Turquia, Sudoeste da Ásia e Caucaso	A/M	embelezar picada na comida	folha	
<i>Stachys byzantina</i> K. Koch	pulmonária	E <sup>C</sup>		A/M	chá	folha	problemas pulmonares
<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	mirra	E	África	M	chá	folha	sintomas da menopausa
<b>Lythraceae</b>							
<i>Punica granatum</i> L.	romã	E <sup>C</sup>	Irã	A	fruta	fruto	
<b>Malpighiaceae</b>							

Tabela 1. Cont.

FAMÍLIAS/ESPÉCIES	NP	O	RO	E	USO	PU	INDICAÇÃO
<i>Malpighia emarginata</i> DC.	acerola	E <sup>C</sup>	Antilhas, América Central e Norte da América do Sul	A	fruta	fruto	
<b>Malvaceae</b>							
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench.	quiabo	E <sup>C</sup>	Ásia	A	cozido	fruto	
<i>Malva sylvestris</i> L.	malva	E <sup>C</sup>	Eurásia	M	chá	folha	dor na garganta
<b>Melastomataceae</b>							
<i>Pleroma heteromallum</i> (D.Don) D.Don	cataflan	N	Brasil	M	chá	folha	antibiótico
<b>Moraceae</b>							
<i>Morus nigra</i> L.	amorinha	E <sup>C</sup>	Irã	A	fruta	fruto	
<b>Musaceae</b>							
<i>Musa</i> sp.	banana	E	Ásia Tropical	A	fruta	fruto	
<b>Myrtaceae</b>							
<i>Eugenia pyriformis</i> Cambess.	uvaia	N	Brasil	A	suco	fruto	
<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitanga	N	Brasil	A	fruta	fruto	
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba- branca	E	América do Sul	A	fruta	fruto	
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	jambolão	E	Índia e Sudeste da Ásia	A/M	fruta	fruto	
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	jambolão	E		A/M	chá	folha	dor no corpo
<b>Nephrolepidaceae</b>							
<i>Nephrolepis exaltata</i> (L.) Schott	samambaia	E <sup>C</sup>	América do Norte à América do Sul, África, Ásia e Austrália	O	embelezar		
<b>Orchidaceae</b>							
<i>Arundina graminifolia</i> (D. Don) Hochr.	orquídea- bambu	E <sup>C</sup>	Burma	O	embelezar		
<i>Epidendrum fulgens</i> Brongn.	orquídea	N	Brasil	O	embelezar		
<b>Oxalidaceae</b>							
<i>Averrhoa carambola</i> L.	carambola	E <sup>C</sup>	Ásia Tropical	A	fruta	fruto	
<b>Papaveraceae</b>							
<i>Chelidonium majus</i> L.	iodo	E	Europa e Ásia	M	pingar na água, passar no machucado	látex	dor nas amígdalas, curar feridas
<b>Phyllanthaceae</b>							

Tabela 1. Cont.

FAMÍLIAS/ESPÉCIES	NP	O	RO	E	USO	PU	INDICAÇÃO
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	quebra-pedra	N	Brasil	M	chá	folha	dor nos rins
<b>Piperaceae</b>							
<i>Peperomia argyreia</i> (Miq.) E.Morren.	casquinha-de-melancia	E	Não encontrado	O	Embelezar		
<i>Peperomia caperata</i> Yuncker	SD	E <sup>C</sup>	Não encontrado	O	embelezar		
<b>Plantaginaceae</b>							
<i>Plantago major</i> L.	tansagem	E <sup>N</sup>	Europa e Ásia	M	chá	folha	infecção e dores na bexiga, antibiótico
<b>Poaceae</b>							
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	cana-cidreira	E <sup>N</sup>	Ásia	M	chá	folha	calmante
<i>Cymbopogon nardus</i> (L.) Rendle	citronela	E <sup>N</sup>	Ceilão	M	curtida no álcool, fabricação de sabão	folha	repelente, aromatizador
<i>Saccharum officinarum</i> L.	cana-de-açúcar	E <sup>C</sup>	Nova Guiné	A	<i>in natura</i> e para fabricação de açúcar	caule	
<i>Zea mays</i> L.	milho	E <sup>C</sup>	México e Guatemala	A	cozido, farinha	espiga, grão	
<b>Portulacaceae</b>							
<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	onze-hora	N	Brasil	O	embelezar		
<b>Rosaceae</b>							
<i>Fragaria X ananassa</i> Duchesne ex Rozier	morango	E <sup>C</sup>	América do Norte e América do Sul	A	fruta	fruto	
<i>Prunus domestica</i> L.	ameixa-roxa	E <sup>C</sup>	Europa	A	fruta	fruto	
<i>Rosa alba</i> L.	rosa-branca	E <sup>C</sup>	Europa	M/O	chá	Flor	lavar os olhos, prisão de ventre
<i>Rosa alba</i> L.	rosa-branca	E <sup>C</sup>		M/O	embelezar		
<i>Rosa x grandiflora</i> Hort.	rosa	E	Ásia, China e Japão	O	embelezar		
<i>Rubus fruticosus</i> L.	amora-preta	E <sup>C</sup>	Ásia	A	fruta	fruto	
<b>Rutaceae</b>							
<i>Citrus aurantiifolia</i> (Christm.) Swingle	laranja-lima	E <sup>C</sup>	Ásia	A	fruta	fruto	
<i>Citrus medica</i> L.	laranja-cidra	E <sup>C</sup>	Ásia	A	fruta, suco, chimia	casca, fruto	

Tabela 1. Cont.

FAMÍLIAS/ESPÉCIES	NP	O	RO	E	USO	PU	INDICAÇÃO
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	laranja-umbigo	E <sup>C</sup>	Norte da Birmânia, Sudeste da China e Indochina	A	fruta	fruto	
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	E <sup>C</sup>	Europa	M	chá	folha	cólica
<b>Sapindaceae</b>							
<i>Litchi chinensis</i> Sonn.	lichia	E <sup>C</sup>	China	A	fruta	fruto	
<b>Solanaceae</b>							
<i>Capsicum annuum</i> L.	pimentão	E <sup>C</sup>	México e América do Sul	A	tempero	fruto	
<i>Cestrum nocturnum</i> L.	dama-da-noite	E <sup>C</sup>	Antilhas	O	embelezar e deixar a casa cheirosa		
<i>Physalis pubescens</i> L.	fisális	N	Brasil	A	fruta	fruto	
<i>Solanum americanum</i> Mill.	maria-pretinha	N	Brasil	A	fruta, alimentar pássaros	fruto	
<i>Solanum lycopersicum</i> L.	tomate	E <sup>C</sup>	América do Sul	A	salada	fruto	
<i>Solanum lycopersicum</i> var. <i>cerasiforme</i> (Dunal) D.M. Spooner, G.J. Anderson & R.K. Jansen	tomate-cereja	E <sup>C</sup>	América do Sul	A	salada	fruto	
<b>Verbenaceae</b>							
<i>Aloysia citrodora</i> Palau	cidrão	E	América do Sul	M	chá	folha	gripe
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson	sálvia	N	Brasil	M	fervido no leite	folha	tosse
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	gervão	N	Brasil	M	chá	folha	estômago
<b>Violaceae</b>							
<i>Viola odorata</i> L.	violeta-roxa	E <sup>C</sup>	Europa, África e Ásia ocidentais	M/O	chá embelezar	folha	antibiótico
<i>Viola odorata</i> L.	violeta-roxa	E <sup>C</sup>		M/O			
<b>Vitaceae</b>							
<i>Vitis vinifera</i> L.	uva	E <sup>C</sup>	Eurásia	A	fruta	fruto	
<b>Zingiberaceae</b>							
<i>Curcuma longa</i> L.	açafrão-da-terra	E	Índia	A	tempero	rizoma	
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gengibre	E <sup>C</sup>	Ásia	A/M	tempero	rizoma	
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gengibre	E <sup>C</sup>		A/M	chá, colocar na água	rizoma	bronquite, diurético

com ciclo de vida curto, o que pode ter interferido no número de espécies amostradas em seu quintal.

**Plantas medicinais.** Na grande maioria das zonas rurais brasileiras, os quintais construídos nas proximidades da casa exercem importante função na manutenção de muitas espécies medicinais. Das 50 espécies medicinais que Dona Libertina plantou em seu quintal, 11 (22%) são nativas do Brasil e 39 (78%) são exóticas. As famílias botânicas que mais se destacaram foram Lamiaceae (11 espécies) e Asteraceae (10), resultado que ratifica estudos realizados no sul do Brasil (Ritter *et al.*, 2002; Silva e Bündchen, 2011; Humenhuk *et al.*, 2020), em outras regiões do Brasil e do mundo (Pasa *et al.*, 2019).

Referente às famílias botânicas com maior destaque na etn categoria medicinal, Lamiaceae possui espécies que acumulam expressiva variedade de substâncias como esteroides, iridóides, flavonoides e terpenóides. Estas substâncias apresentam diferentes atividades antifúngica, antioxidante, antitumoral, antibacteriana, anti-inflamatória, anti-hipoglicêmica, entre outras (Lemes *et al.*, 2011). Assim como Lamiaceae, Asteraceae também se apresenta como uma das mais ricas famílias de espécies vegetais com potencial medicinal, por isso suas características químicas e farmacológicas estão sendo muito estudadas (Di Stasi e Hiruma-Lima, 2002).

As espécies medicinais cultivadas por Dona Libertina são utilizadas predominantemente na forma de chá. Contudo, explica que podem também ser preparadas em forma de xarope, pomada, curtida na cachaça, esmagada na água, como suco ou passada diretamente na pele. O chá também se apresenta como principal forma de preparo de fitoterápicos (Borges e Bautista, 2018; Santos *et al.*, 2019). Este predomínio na forma de preparo, pode estar relacionado à facilidade de preparo e à tradição passada por gerações.

Nas soluções preparadas por Dona Libertina, a parte da planta mais utilizada são as folhas, podendo ser usado também flores, látex e rizoma, de acordo com a espécie utilizada. Segundo Medeiros (2013) o predomínio do uso de folhas nas preparações medicinais é comum nos

Biomats Mata Atlântica e Cerrado brasileiros, certamente pela maior disponibilidade e facilidade de coleta, o que também pode ser uma atitude conservacionista, já que sua extração não acarreta, necessariamente, na morte da planta utilizada (Prado *et al.*, 2019), quando manejada de forma correta.

As etnoindicações das espécies medicinais praticadas por Dona Libertina foram bem diversas, destacando-se para problemas respiratórios e virais (Tabela 1).

Como se pode perceber, Dona Libertina utiliza para algumas espécies de plantas, nomes populares medicalizados (plantas nomeadas com referência à medicamentos industrializados) como iodo® (*Chelidonium majus* L), Cataflan® (*Pleroma heteromallum* (D.Don) D.Don), Vick-Vaporube® (*Mentha arvensis* L.) ou ainda, Novalgina® (*Achillea millefolium* L.). A denominação ocorre porque essas espécies vegetais são utilizadas para os mesmos fins que os medicamentos industrializados, apresentando efeitos semelhantes no alívio de doenças.

Segundo Siqueira *et al.* (2017) o sul do Brasil é considerado a região mais medicalizada. Esses resultados podem ser compreendidos por sua formação histórica principalmente sobre a mistura de saberes populares de brasileiros e imigrantes estrangeiros (italianos e açorianos) que se estabeleceram nesta região. Segundo os autores, as farmácias populares e os sistemas médicos dos colonizadores tinham características principalmente europeias e, dessa forma, as propriedades terapêuticas típicas das espécies cultivadas na região Sul, passaram a estar atreladas aos medicamentos sintéticos.

A utilização de plantas nos cuidados primários à saúde é um assunto muito discutido. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), em 2050 a população mundial chegará a 9,1 bilhões de habitantes, e destes, cerca de 80% irá depender das plantas medicinais para cuidados primários com a saúde (Ramakrishnan *et al.*, 2017).

Neste contexto, é fundamental que diferentes estudos abordem sobre conhecimento tradicional e transge-

racional, referente à utilização de plantas medicinais, construído nas vivências e rotinas diárias, como o de Dona Libertina relatado neste trabalho. Essas ações podem auxiliar no uso racional de espécies medicinais, além de encurtar caminhos para a produção de futuros fitomedicamentos, que possam facilitar o acesso da população aos medicamentos que lhe são necessários.

**Plantas alimentícias.** Dentre as 67 espécies alimentícias cultivadas por Dona Libertina, 13 (19%) são nativas do Brasil e 55 (81%) são exóticas, cultivadas ou naturalizadas em nosso país, sendo 20 de hábito arbóreo. Fabaceae (6 espécies) e Solanaceae (5) foram as famílias botânicas que apresentaram maior número de espécies.

Fabaceae representa uma das maiores e mais importantes famílias botânicas, por possuir grande número de espécies utilizadas como fonte de produtos alimentícios, ornamentais, medicinais, madeireiros, entre outros (Di Stasi e Hiruma-Lima, 2002). Assim como Fabaceae, Solanaceae também é considerada uma das maiores famílias botânicas, apresentando grande diversidade química e morfológica (Olmstead et al., 2013). É também considerada uma das famílias mais expressivas economicamente, devido ao seu grande potencial alimentício, ornamental e medicinal (Samuels, 2015). Embora estas duas famílias botânicas tenham apresentado maior número de representantes, no quintal de Dona Libertina, há grande variedade de espécies cultivadas para fins alimentícios.

De acordo Macedo e Ming (2019), um estudo sobre plantas alimentícias cultivadas por agricultores demonstrou que seus quintais são áreas intensamente utilizadas, principalmente pelas mulheres agricultoras. Segundo os autores, nesses quintais são colocadas em prática uma série de técnicas locais particulares da comunidade, o que resulta em intensivo manejo dessas áreas e espécies fazendo com que se tornem ricas em diversidade.

Das diversas espécies alimentícias cultivadas, Dona Libertina faz uso da maioria *in natura*, como fruta ou salada, podendo ser preparada também cozida, frita ou como tempero. As partes mais consumidas destas

espécies são, em ordem decrescente, os frutos, folhas, raízes e tubérculos.

Dona Libertina também utiliza algumas espécies que são classificadas como PANC (Kinupp e Lorenzi, 2014). Embora entrem nesta classificação, para a agricultora tratam-se de espécies convencionais na sua alimentação, uma vez que fazem parte de suas refeições diárias. Entre elas encontra-se *Amaranthus viridis* L., pertencente à família Amaranthaceae. As espécies deste gênero são comumente classificadas como “pseudocereais” e apresentam quantidades significativas de minerais, nutrientes, vitaminas e aminoácidos (Ferreira et al., 2007).

Outra PANC citada pela agricultora foi *Pereskia aculeata* Mill., espécie conhecida popularmente como ora-pro-nobis, pertencente à família Cactaceae e nativa do Brasil, podendo ser encontrada em regiões tropicais e subtropicais (Sousa et al., 2014). A agricultora mencionou que já doou muitas mudas de ora-pro-nobis, relatando que até mesmo vegetarianos que buscam uma fonte alternativa de proteínas, também já a procuraram em busca de mudas da espécie.

As agricultoras produzem uma rica variedade de alimentos, os quais suprem não apenas o consumo da família, mas de vizinhos, através de trocas e doações, e, muitas vezes de compradores locais. Práticas como essas, promovem a valorização da Agricultura Familiar e o fluxo dinâmico de acesso à Segurança Alimentar dentro da sua comunidade (Caminhas, 2020).

Cada vez mais as espécies cultivadas por agricultores familiares, bem como os produtos derivados destas, estão ganhando destaque. Recentemente, a Portaria Interministerial MAPA/MMA nº 10, de 21 de julho de 2021, no seu Art. 1º instituiu a lista de espécies nativas da socio-biodiversidade brasileira de valor alimentício, para fins de comercialização *in natura* ou de seus produtos derivados (Brasil, 2021). A portaria considera que os produtos gerados a partir da biodiversidade pelos agricultores familiares e povos e comunidades tradicionais, auxilia a “promover a manutenção e valorização de suas práticas e saberes, e assegurar os direitos decorrentes, gerando

renda e promovendo a melhoria de sua qualidade de vida e do ambiente em que vivem” (Brasil, 2021).

Políticas públicas direcionadas para produtos gerados por povos e comunidades tradicionais a partir da biodiversidade, auxiliam na divulgação destes produtos e aumentam a demanda de consumo, o que pode gerar um aumento na renda para diversas famílias. Além disso, tendem a fortalecer a cultura e os saberes adquiridos e desenvolvidos por essas comunidades sobre uma grande variedade de espécies vegetais, bem como, promover a valorização de diferentes espécies provenientes da biodiversidade brasileira.

**Plantas Ornamentais.** Para as 35 espécies ornamentais cultivadas por Dona Libertina, 11 (31%) são nativas do Brasil e 24 (69%) são exóticas. Do total 31 espécies possuem ciclo de vida perene e 4 são anuais. A semeadura é feita pela agricultora manualmente, ela colhe as sementes, deixa secar e realiza o plantio quando considera uma boa época para espécie em questão. As famílias botânicas foram bem diversificadas, sendo Apocynaceae a mais representativa.

Dentre as espécies ornamentais, além do papel de embelezamento do quintal, são encontradas algumas utilizadas para deixar o jardim e a casa perfumados, de acordo Dona Libertina.

Segundo a agricultora, ainda hoje em seu quintal, encontram-se espécies que plantou na casa dos pais quando jovem, como é o caso da rosa-branca (*Rosa alba* L.) e do xaxim (*Dicksonia sellowiana* Hook.), que as acompanha há mais de 60 anos. *Rosa alba*, além de utilizada para ornamentação, também é usada como medicinal. De acordo com Dona Libertina, “quando as vistas estão irritadas, avermelhadas ou coçando, se faz o chá da rosa-branca, deixa esfriar bem e lava os olhos, ele é refrescante”.

O cultivo de espécies vegetais ao longo dos anos, auxilia na conservação ambiental dessas espécies, caso sua ocorrência natural diminua ou esteja ameaçada por qualquer fator. Segundo Oakley (2004), os quin-

tais podem ser considerados como reservatórios de biodiversidade, pois reduzem impactos ambientais e fortalecem os vínculos sociais e a preservação da cultura. Neste contexto, quanto mais diversificado o número de espécies cultivadas nos quintais, maior biodiversidade estará sendo conservada para as gerações futuras.

**Semeando saberes: experiências e reflexões compartilhadas por Dona Libertina.** Dona Libertina relata que utiliza em seu dia a dia muitas experiências e conhecimentos sobre os diferentes cultivos, que trouxe da infância e passados principalmente por seu pai. Segundo ela, “a mãe não podia ir para roça, pois ela era responsável pelo serviço da casa, comida, roupa e limpeza. As vezes em que ia para roça, era apenas para levar marmitta para o pai e os irmãos que estavam lá trabalhando”. Este relato demonstra como era e ainda é, em alguns casos, a divisão do trabalho em comunidades rurais. Muitas vezes as mulheres, mesmo gostando de trabalhar com a terra, não têm a oportunidade executar o que gostam, pois a elas são destinados os serviços domésticos. De acordo com Scheffler (2017), uma sociedade estruturada na divisão sexual do trabalho, acaba por hierarquizar o ofício de acordo com o sexo de quem o realiza, desvalorizando por vezes, os esforços femininos (Figura 3).

Para a agricultora, o que mais gostava de aprender com o pai era como plantar e cultivar diferentes espécies. Até hoje utiliza a técnica de plantio de milho que aprendeu com ele na infância e ensina:

“O milho tem o macho e tem a fêmea, na hora de plantar usa três grãos da fêmea e um do macho.[...] a espiga de milho que tem os grãos até embaixo, que não aparece o sabugo é a fêmea, aquela que fica uma ponta do sabugo embaixo aparecendo é o macho, na hora de plantar então usa três fêmeas e um macho, o milho vem bonito, que tu precisas ver”.

Dona Libertina conta que a maioria do que produz fica para o consumo da família, para comercialização são poucos os produtos. A venda ocorre para clientes já fixos, a maioria vizinhos e parentes que vão até sua casa para comprar. Todavia, ela mencionou que



**Figura 3.** Sra. Libertina Zanzi Mariot secando milho (*Zea mays* L.) que havia colhido em seu quintal, cultivado através da técnica ensinada por seu pai. Fonte: Autores, 2021.

*“muitas agricultoras vendem na feira o que produzem”*. Compreender mais sobre o processo produtivo adotado por essas mulheres agricultoras, possibilita conhecer as demandas e desafios enfrentados por elas. Este fato pode auxiliar na construção e reestruturação de políticas públicas diferenciadas, que possibilitem destacar e valorizar o trabalho e conhecimento gerado por mulheres agricultoras.

O trabalho desempenhado no dia a dia pelas agricultoras contribui não apenas para sua autonomia, mas também, para formação da sua consciência ambiental. Dona Libertina faz doação de mudas de plantas para mulheres do Grupo de Mães de seu Bairro, buscando garantir a conservação das espécies. Ao compartilhar sua experiência e saber sobre plantas, está mantendo vivo o conhecimento adquirido ao longo de gerações, conhecimento este, que passa por adaptações e inovações no decorrer do tempo, de acordo com as necessidades e vivências de cada agricultora que recebe as mudas de plantas. Além disso, ocorrem redes de troca de mudas e sementes, que tem o potencial de estimular o resgate e a conservação de espécies, fazendo das mulheres protagonistas da manutenção da biodiversidade.

Ações como esta, idealizada pelas agricultoras no Clube de Mães, devem ser reconhecidas e valorizadas dentro da academia, por meio de reuniões, mesas redondas, rodas de conversa, simpósios, entre outros eventos socioculturais. Trazer este conhecimento para dentro do meio acadêmico-científico, pode contribuir para sua valorização, bem como no aumento da autoestima das agricultoras, mostrando a elas que seu conhecimento é importante e necessário. Projetos como este, estimulam as mulheres a se conectarem e trocar experiências, contribuindo para ciência e para a sociedade na busca da valorização da diversidade biocultural.

## **CONCLUSÃO**

Conhecer as vivências e experiências de pessoas que trabalham com a terra, em especial as agricultoras familiares, demonstra a extensão do conhecimento por elas adquirido e o quanto este conhecimento é diversificado.

Seus quintais cultivados com dedicação, possibilitam a promoção da interação entre seres humanos e ambiente, associam conhecimento etnoecológico, etnobotânico, etnofarmacológico, elementos culturais e um misto de saberes transmitidos e repassados por familiares que as antecederam, amigos e vizinhos.

O cultivo das espécies vegetais realizado pela agricultora, foco deste estudo, representa grande fonte de recursos vegetais, além de demonstrar sua estreita relação com o meio natural. O saber por ela adquirido é um forte indicativo de conservação ambiental, bem como de todo conhecimento sobre utilização e cultivo das espécies que foram repassados para o seu quintal.

A comunidade em que Dona Libertina está inserida receberá devolutiva com os resultados obtidos nesta pesquisa assim que as condições sanitárias pela Covid 19 permitirem, para que assim, comunidade e pesquisadores possam atuar juntos na construção e manutenção do conhecimento.

Estudos envolvendo quintais e cultivo de plantas auxiliam a reafirmar que estes ambientes são capazes de conciliar uso sustentável dos recursos naturais, manutenção do conhecimento local, conservação da biodiversidade, além de melhorar a qualidade de vida dos envolvidos no seu cultivo. Podem também, contribuir para descoberta de novos caminhos, onde ser humano e natureza possam servir um ao outro de forma benéfica e solidária.

## **AGRADECIMENTOS**

Nossos sinceros agradecimentos à Sra. Libertina Zanzi Mariot, interlocutora principal desta pesquisa, por ter aberto as portas de sua casa para nos acolher, pelas experiências compartilhadas e por todo conhecimento repassado. Ao Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Comunitárias de Educação Superior (PROSUC/CAPES), órgão público brasileiro, pela bolsa de estudos que possibilitou a realização desta pesquisa. A todos os colegas que nos apoiaram durante a pesquisa e trabalho de campo.

## LITERATURA CITADA

- Albuquerque, U. P., R. Lucena e N. Alencar. 2010a. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P. e Cunha, L. V. F. C. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. Recife: PE: NUPEEA.
- Albuquerque; U. P., R. Lucena e E. Lins Neto. 2010b. Seleção dos participantes da pesquisa. In: Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P. e Cunha, L. V. F. C. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. Recife: NUPEEA.
- Alemu, M. M. 2016. Indigenous Agroforestry Practices in Southern Ethiopia: The Case of Lante, Arba Minch. *Open Access Library Journal* 3: 1-12.
- Alvares, C. A., J. Stape e P. Sentelhas. 2013. Köppen's climate classification map for Brazil. *Meteorologische Zeitschrift* 22(6): 711-728.
- APG. Angiosperm Phylogeny Group. 2016. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. *Botanical Journal of the Linnean Society* 181: 1-20.
- Back, A. J. 2009. Caracterização climática. In: Milioli, G.; Santos, R.; Citadini-Zanette, V. *Mineração de carvão, meio ambiente e desenvolvimento sustentável no sul de Santa Catarina*. Curitiba: Juruá.
- Bloch Júnior, C. 2012. A Embrapa em sua melhor idade. *Revista Ponto de vista* 22(3): 128-130.
- Borges, K. N. e H. Bautista. 2018. Etnobotânica de plantas medicinais na comunidade de Cordoaria, litoral norte do estado da Bahia, Brasil. *PLURALS-Revista Multidisciplinar* 1: 153-174.
- BRASIL. 2015. *Lei Federal nº 13.123, de 20 de maio de 2015. Dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade*. Brasília, DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13123.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13123.htm). (verificado 01 de fevereiro 2021).
- BRASIL. 2021. *Portaria Interministerial MAPA/MMA nº 10, de 21 de julho de 2021. Institui a "Lista de espécies nativas da sociobiodiversidade de valor alimentício, para fins de comercialização in natura ou de seus produtos derivados"*. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-interministerial-mapa/mma-n-10-de-21-de-julho-de-2021-333502918> (verificado 24 de julho 2021).
- Calvet-Mir, L., C. Riu-Bosoms, M. González-Puente, I. Ruiz-Mallén, V. Reyes-García e J. Molina. 2016. The Transmission of Home Garden Knowledge: Safeguarding Biocultural Diversity and Enhancing Social-Ecological Resilience. *Society and Natural Resources* 29: 556-571.
- Caminhas, A. M. T. 2020. A importância das mulheres agricultoras no fortalecimento da segurança alimentar em um assentamento rural de Córrego Rico, estado de São Paulo. *Revista InterEspaço* 06: 01-19.
- Carniello, M. A., R. D. S. Silva, M. A. B. Cruz, G. Guarim Neto. 2010. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. *Acta Amazônica* 40(3): 451-470.
- Cavalheiro, L. e G. Guarim-Neto. 2018. Ethnobotany and regional knowledge: combining popular knowledge with the biotechnological potential of plants in the Aldeia Velha community, Chapada dos Guimarães, Mato Grosso, Brazil. *Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromaticas* 17: 197-216.
- Citadini-Zanette; V. e R. Martins. 2011. Identificação botânica: ênfase plantas medicinais. *Caderno técnico-didático* 1: 7-24.
- CRICIÚMA. 2019. Lei Ordinária nº 7606/2019. Dispõe sobre a readequação da Área de Proteção Ambiental Morro Albino e Estevão e dá outras providências. Criciúma, SC. Disponível em: <https://www.camaracriciuma.sc.gov.br/documento/lei-ordinaria-7606-2019-100892> (verificado 22 de junho 2022).
- Di Stasi, L. C. e C. Hiruma-Lima. 2002. *Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica*. 2. Ed. São Paulo: Unesp.

- Ferreira, T. A. P. C., A. Matias e J. Arêas. 2007. Características nutricionais e funcionais do Amarantho (*Amaranthus* spp.). *Nutrire: revista da Sociedade Brasileira Alimentação e Nutrição* 32: 91-116.
- Flora do Brasil 2020. 2021. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> (verificado 10 de junho 2021).
- Galluzzi, G., P. Eyzaguirre e V. Negri. 2010. Home Gardens: Neglected Hotspots of Agrobiodiversity and Cultural Diversity. *Biodiversity Conservation* 19: 3635–3654.
- Humenhuk, T., D. Leite e M. Fritsch. 2020. Conhecimento popular sobre plantas medicinais utilizadas no município de Mafra, SC, Brasil. *Saúde e Meio Ambiente* 9: 27-42.
- Idohou, R., B. Fandohan, V. Salako, B. Kassa, R. Gbèdomon, H. Yédomonhan, R. Glèlè Kakai e A. Assogbadjo. 2014. Biodiversity conservation in home gardens: traditional knowledge, use patterns and implications for management. *Journal of Biodiversity Science, Ecosystem Services & Management* 10: 89-100.
- Kinupp, V. F. e H. Lorenzi. 2014. *Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais, receitas ilustradas*. 1ª ed.- Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora.
- Lemes, G. F., P. Ferri e M. Lopes. 2011. Constituintes químicos de *Hyptidendron canum* (Pohl ex Benth.) R. Harley (Lamiaceae). *Química Nova* 24: 39-42.
- Macedo, G. S. S. R. e L. C. Ming. 2019. Plantas alimentícias e paisagens: uso e conservação no Sertão do Ubatumirim, Ubatuba, Brasil. *Desenvolvimento e Meio Ambiente* 52: 194-216.
- Maia, S. G. C. e S. Bombarda Sobrinho. 2019. Análise etnobotânica da estrutura de quintais na fronteira Brasil/Paraguai. *Ethnoscintia* 4: 1-17.
- Medeiros, M. F. T. e U. Albuquerque. (Org.). 2012. *Dicionário brasileiro de etnobiologia e etnoecologia*. Recife: NUPEEA.
- Medeiros, P. M. 2013. Why is change feared? Exotic species in traditional pharmacopoeias. *Ethnobiology and Conservation* 2: 1-5.
- Moreira, D. L. e G. Guarim Neto. 2009. Usos múltiplos de plantas do cerrado: um estudo etnobotânico na comunidade Sítio Pindura, Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. *Polibotânica* 27: 159-190.
- Noda, H. e S. N. Noda. 2003. Agricultura familiar tradicional e conservação da sócio-biodiversidade amazônica, *Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local* 4(6): 55-66.
- Oakley, E. 2004. Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural. *Agriculturas* 1: 37-39.
- Olmstead, R. G., L. Bohs, H. Migid, E. Santiago-Valentin, V. Garcia e S. Collier. 2008. A molecular phylogeny of the Solanaceae. *Taxon* 57: 1159-1181.
- Pacheco, M. E. L. 2002. Em defesa da agricultura familiar sustentável com igualdade de gênero. En: GT Gênero –Plataforma de Contrapartes Novib/SOS Corpo. *Perspectivas de gênero: debates e questões para as ONG's*. Recife: Gênero e Cidadania (obra coletiva).
- Pasa, M. C., J. Soares e G. Guarim Neto. 2005. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). *Acta Botanica Brasilica* 19: 195-207.
- Pasa, M. C., N. Hanazaki, O. Silva, A. Agostinho, S. Zank e M. Esteves. 2019. Medicinal plants in cultures of Afro-descendent communities in Brazil, Europe and Africa. *Acta Botanica Brasilica* 33: 340-349.
- Pereira, B. M. e M. Almeida. 2011. O quintal Kalunga como lugar e espaço de saberes. *Revista GeoNordeste* 2: 47-64.
- PPG I. 2016. The Pteridophyte Phylogeny Group. A community-derived classification for extant lycophytes and ferns. *Journal of Systematics and Evolution* 54(6): 563-603.
- Prado, A. C. C., E. Rangel, H. Sousa e M. Messias. 2019. Etnobotânica como subsídio à gestão socioambiental de uma unidade de conservação de uso sustentável. *Rodriguésia* 70: 1-10.
- Queiróz, M. I. P. 1988. Relato Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: VONSIMSON, O. (Org.). *Experimentos com Histórias de Vida*. São Paulo: Vértice 14-43.
- Ramakrishnan, R., R. Periyasamy, S. Lakkakula, P. Subramani, S. Arockiam e R. Manikandan. 2017. In Vitro Propagation and Conservation of Useful En-

- dangered Medicinal Plants with Anticancer Activity. *Journal of Molecular Biology and Biotechnology* 2: 1-8.
- Ritter, M. R., G. Sobierajski, E. Schenkel e L. Mentz. 2002. Plantas usadas como medicinais no município de Ipê, RS, Brasil. *Revista Brasileira de Farmacognosia* 12: 51-62.
- Rocha, J. A., O. Boscolo e L. Fernandes. 2015. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. *Revista Interações* 16: 67-74.
- Samuels, J. 2015. Biodiversity of food species of the Solanaceae family: a preliminary taxonomic inventory of subfamily Solanoideae. *Resources* 4: 277-322.
- Santos, A. C. B., M. Silva, M. Santos e T. Leite. 2013. Levantamento etnobotânico, químico e farmacológico de espécies de Apocynaceae Juss. ocorrentes no Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais* 15: 442-458.
- Santos, E. Q., J. Costa, M. Pereira, J. Costa e R. Sousa. 2019. Etnobotânica da flora medicinal de quintais na comunidade Mamangal, Rio Meruú, Igarapé-Miri, Pará. *Scientia Plena* 15: 1-11.
- Scheffler, M. L. N. 2017. Patriarcado: herança maldita no caminho das mulheres. In: *Caderno de Textos. Novos olhares, novos tempos: Fortalecendo e ampliando as políticas públicas para as mulheres da Bahia*. Secretaria de Política para as Mulheres, Salvador.
- SciELO.org. Scientific Electronic Library Online. (2021). Disponível em: <https://scielo.org/> (verificado 25 junho 2021).
- Scopus. Elsevier B.V. 2021. Disponível em: <https://www.scopus.com/home.uri> (verificado 25 junho 2021).
- Silva, F. J. B. e L. Scheibe. 2005. Conflitos territoriais entre agricultura e mineração em áreas de proteção ambiental. In: GUVANT, J. S.; SCHEIBE, L. F.; ASS-MANN, S. J. (Org.). *Desenvolvimento e conflitos no ambiente rural*. Florianópolis: Insular.
- Silva, M. D., S. Dreveck e A. Zeni. 2009. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população rural no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí – Indaial. *Revista Saúde e Ambiente* 10(2): 54-64.
- Silva, V. A., A. Almeida e U. Albuquerque. (Org.). 2010. *Etnobiologia e Etnoecologia: pessoas e natureza na América Latina. Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia*, v. 1. Recife: NUPEEA.
- Silva, J. A. e M. Bündchen. 2011. Conhecimento etnobotânico sobre as plantas medicinais utilizadas pela comunidade do Bairro Cidade Alta, município de Videira, Santa Catarina, Brasil. *Unoesc & Ciência ACBS* 2: 129-140.
- Siqueira, B. V. L., B. Soares, D. Oliveira e C. Sakuragui. 2017. The regionalization of medicalized vernacular names of medicinal plants in Brazil. *Scientometrics* 110: 945-966.
- Sousa, R. M. F., A. Rodrigues, S. Morais e C. Lira. 2014. Atividade antioxidante de extratos de folhas de ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata* Mill.) usando métodos espectrofotométricos e voltamétricos in vitro. *Bioscience Journal* 30: 448-457.
- Tropicos.org. Missouri Botanical Garden. 2021. Disponível em: <https://tropicos.org> (verificado 25 junho 2021).
- WFO (2021): *World Flora Online*. Publicado na Internet. Disponível em: <http://www.worldfloraonline.org> (verificado 22 de maio 2021).
- Zeni, A. L. B., V. Parisotto, G. Mattos e E. Santa Helena. 2017. Utilização de plantas medicinais como remédio caseiro na Atenção Primária em Blumenau, Santa Catarina, Brasil. *Revista de Ciência e Saúde Coletiva* 22: 2703-2712.